



XXXVI Concurso Maria Helena Xavier Fernandes

Em um evento marcado pela emoção, conhecemos os vencedores do nosso concurso literário deste ano, veja na página 3



Uma pequena reflexão sobre a inteligência artificial na página 2.

1ª Edição dos Jogos Internorte



Sob a supervisão dos nossos professores de Educação Física, a ECO sagrou-se como a grande campeã no torneio. Confira na Página 7.



Os desafios de ser uma mãe professora, excelente depoimento da Professora Eloísa Zoccaratto, página 8

Editorial

"Inteligência Artificial: Ela já está entre nós"



No ano de 2001, estreava nos cinemas de todo o Brasil o filme de ficção “AI – Inteligência artificial”. No longa-metragem, os cientistas perdem o controle sobre a criação trazendo grandes transtornos para os seus usuários. Tudo não passava de uma fantasia e, à época, ninguém imaginava que seria possível tal nível tecnológico, era apenas o fruto da imaginação do consagrado diretor Steven Spielberg. Contudo, o que parecia inatingível, hoje faz parte da nossa realidade.

Mesmo que não sejamos especialistas no assunto, é facilmente perceptível que a inteligência artificial (IA) está cada vez mais comum no nosso dia a dia. Seja na automação de tarefas, na otimização de processos industriais ou nas atividades online, ela tem demonstrado seu potencial para revolucionar nosso modo de vida. Entretanto, devido à facilidade de acesso e à simplicidade de seu manuseio, o que poderia ser uma inovação vem se tornando um grande problema para a nossa sociedade.

As tecnologias impulsionadas pela IA podem oferecer inúmeras oportunidades educacionais e de entretenimento, porém os perigos associados a essa exposição não devem ser subestimados. Se há riscos para os adultos, tornam-se ainda mais agravantes quando se trata do público infantil. Nos últimos dias, os noticiários deram destaque à informação de que um grupo de adolescentes, alunos de uma famosa instituição carioca, divulgaram imagens “nuas” de algumas de suas colegas do colégio. Elas foram criadas a partir de fotos retiradas das redes sociais e manipuladas com o uso da IA para que fossem despidas. Logicamente, virou um caso de polícia, vamos torcer para que todos os infratores envolvidos e seus respectivos responsáveis sejam punidos. Casos como esse estão cada vez mais comuns, pois, com essas tecnologias, é possível alterar imagens, vídeos e até mesmo imitar a voz de uma pessoa.

O cuidado com o uso dessas tecnologias desde cedo é essencial para garantir que as crianças desenvolvam uma relação saudável e crítica com a IA. Agindo corretamente, ela tem o potencial de moldar um futuro mais eficiente e inovador, mas somente se usada com responsabilidade e consciência. Assim, cabe a nós, como sociedade, assegurar que a IA seja uma aliada e não uma ameaça aos princípios fundamentais que sustentam a nossa vida. Além disso, não há IA que consiga transcender todas as emoções e sentimentos bons que são inerentes apenas ao coração do ser humano.

Prof. Nei Xavier

O que rola na ECO

Feira Cultural e Científica – ECO 2023

Com o tema central “A água nossa de cada dia”, sob a orientação dos professores, nossos alunos demonstraram muita imaginação e criatividade na apresentação dos seus trabalhos na nossa feira cultural. Além de maquetes e cartazes, foi possível contemplar e interagir em algumas atividades que proporcionaram muito aprendizado e conhecimento a todos que participaram. Nossos alunos estão de parabéns!!!!



XXXVI Concurso Maria Helena Xavier Fernandes



Antônio Gabriel – Turma 61



Julia Aguiar e Sophia Cabral – Turma 91



Guto Goulart e sua filha Sofia – Turma 32

Depois de muita ansiedade e expectativa, em uma tarde de muita emoção, ocorreu a culminância de premiação do nosso concurso literário deste ano. O evento aconteceu no dia 27 de outubro e contou com a presença dos responsáveis e amigos dos vencedores, além de uma galera muito animada que fizeram com que a cerimônia fosse ainda mais especial.

Tivemos ainda outras surpresas com apresentações musicais de alguns alunos e da Professora Eloisa Zocaratto que mandaram muito bem cantando grandes sucessos da nossa MPB. Outro grande momento foi o nosso aluno Antônio Gabriel da turma 61 que nos emocionou executando a canção “Hallelujah” no violino.

Felicitações a todos os participantes! Que sejamos inundados com novas emoções no próximo ano.

Aqui se sabe Aqui se escreve



No último dia 27 de outubro, tivemos a nossa culminância do XXXVI Concurso Maria Helena Xavier Fernandes, em uma tarde muito agradável, conhecemos os vencedores deste ano. Vamos conhecer alguns dos textos premiados.

Prof. Nei Xavier



Vencedores grupo I

Um jogo bem maluco

O jogo está pronto, os jogadores estão entrando no campo, o Minas está em uma sequência de vitórias inesquecíveis graças ao goleiro Maluquinho.

A bola rola, Minas tem a posse, Bocão se aproxima, passa o chapéu, bate para o gol e... Gol do Bocão! Bocão é o nome da emoção!

São Paulo se aproxima, bate de fora da área, que defesa! Menino Maluquinho! Que defesa de escorpião!

Vem mais uma vez o Minas, bate para o gol. Que defesa do goleiro do São Paulo!

Chance de escanteio para o Minas, Maluquinho vai para a área do São Paulo, Junim vai para a cobrança,

olha o cruzamento... Gol! Do Menino Maluquinho! Subiu de cabeça na bola para fazer o gol! Aos oitenta minutos!

São Paulo vem, bate uma bomba do meio do campo, que defesa do Menino Maluquinho! Foi buscar lá na gaveta!

E termina o jogo, dois a zero para o Minas!

1º lugar - 5º ano - Bernardo Vicente da Silva

O Menino Maluquinho brilhou no gol

Ontem, o Menino Maluquinho combinou com seus amigos Bocão, Julieta e Junim de jogar futebol à tarde. Um pouco antes de começar, ele já estava super animado, correndo de um lado para o outro e pulando na cama. Ele colocou sua luva, roupa e foi correndo jogar.

Na partida, ele ficou com a Julieta formando um time e ela fez vários gols! E a maioria foram lindos! Teve gol de bicicleta, voleio, cabeça e muito mais. Mas o destaque mesmo foi para o Menino Maluquinho, com defesas extraordinárias. Ele estava inspirado! Até parecia profissional.

Quando a partida acabou, todos foram falar com ele, pois ficaram impressionados com sua habilidade. Junim disse:

- Maluquinho, você agarrou muito bem! Eu fiquei impressionado!

E o Maluquinho saiu muito contente com os elogios.

2º Lugar - 5º ano - Paulo Renato Reis Baptista

O menino maluquinho 2: O pé de laranja

Em um dia qualquer, o Menino Maluquinho recebeu, em sua casa, um convite para ir à fazenda de seu avô. Ele se animou e convidou seus amigos para irem também. Todos concordaram e foi assim que começou a aventura.

No dia seguinte, encontraram-se no ponto de ônibus, às 7h24, muito cansados, mas logo se animaram, quando viram um pinguim de bermuda. Lógico que não era de verdade, mas um pipoqueiro fantasiado.

Como eles eram muito “calmos” e “sensatos”, resolveram correr atrás do tal pinguim, porém perceberam que o ônibus iria partir e quase o perderam.

A viagem foi bem demorada. Assim que chegaram à fazenda, descobriram que uma velhinha, que morava perto, possuía uma enorme laranjeira e tiveram a brilhante ideia de pegar algumas laranjas e de brincar no quintal dela. O tempo voou e eles nem sentiram. Passaram a tarde toda lá e a velhinha nem percebeu!

**Menção honrosa - 4º ano
Maria Flor Carvalho Cavalcanti**

Vencedores grupo II

A Ceifadora de Olhos

Era uma manhã comum na aldeia Titchontza, as mulheres costurando e cozinhando, os homens plantando e colhendo e as crianças brincando.

De repente, ouviu-se um estrondo, um tiro de espingarda surgiu no ar e o silêncio cessou. Eram os caçadores, atrás de recursos para orna-los industrializados.

Logo, os indígenas correram até a fogueira de rituais. Os caciques se reuniram em volta da clareira, jogando ervas e restos de animais ali, invocando a Ceifadora de Olhos, a criadora ancestral.

Todos naquele local estavam lutando bravamente, e a Ceifadora, alta e pálida, chegou para lutar. Ela tirou sua foice de metal de seu grande casaco plumado e avançou no líder dos brancos, enfiando-a na barriga do homem, esvaindo a vida de seus olhos.

— “Sawé !!” – A mulher gritou em vitória.

Quando os moradores do recinto ouviram o grito, comemoraram com bebidas e frutas.

A Ceifadora voltou à tumba, entrando em seu longo e confortável sono novamente, e os indígenas fizeram festas.

1º Lugar – 7º ano

Anna Clara de Carvalho Ivo

Um mito molhado

Em uma terra indígena, a população vinha diminuindo em massa. Jovens e adultos morriam desidratados. Um dos poucos sobreviventes já não suportava mais ver perdas, então decidiu apelar para os deuses. Ele decidiu ir até uma ponte e fazer seu desejo.

Quando chega ao local logo pergunta:

- Senhora Dina, está aí? Se está, venho pedir algo. Gostaria de saber o motivo de mortes em massa na minha aldeia.

De repente, vindo dos céus, aparece Dina, também conhecida pelos povos indígenas como deusa dos seres humanos. Rapidamente ela responde ao sobrevivente:

- Jovem índio, existe um motivo por trás das mortes. Isso é a falta de água. Água é um elemento maravilhoso, porém neste momento é algo raro, mas deixará deser.

De repente pilstras são erguidas. A deusa explica ao sobrevivente que terá de escalá-las, mas os pilares eram enormes, porém, determinado, ele aceita.

Subiu uma, subiu duas, até que chegou ao topo da última, entretanto isso foi só meio caminho andado.

Dina volta e diz o próximo desafio:

- Esplêndido sobrevivente, agora se prepare para o próximo teste. Você terá de pular da última pilstra, acertando três alvos no caminho.

Cansado, mas ainda determinado, fez o que a deusa ordenou. O índio respirou fundo e se jogou da pilstra acertando os três alvos com sucesso. Porém, logo percebeu que estava em queda livre. Dina, ao notar a vitória do índio, colocou um ovo onde ele ia cair. Quando caiu, liberou uma espécie de corpo masculino. Ele se chamava Hydros e agradeceu ao índio por tê-lo libertado. Em troca, Hydros criou os oceanos e mares. E assim surgiram os oceanos e mares.

2º Lugar – 6º ano – Stefan Feydit Probstner

Nosso criador, nossa salvação

A tribo Munduruku, que reside na Floresta Amazônica, estava passando por sérias dificuldades em relação à sua fauna e flora. A floresta ficava cada vez mais desmatada, os rios estavam sujos e poluídos, quase não dava mais frutos e alguns animais estavam morrendo.

O Cacique chamou os adultos da aldeia para uma reunião. Ele falou que conversou bastante com o Pajé e as coisas estavam ficando muito sérias, o único jeito de mudá-las seria começando uma batalha contra os “homens brancos” que destruíram a natureza. E se ganharmos a luta, iríamos conseguir chamar o criador da tribo para ajudar.

No dia seguinte, eles iniciaram a batalha, mas antes de começar, gritaram Sawé, que era um brado de guerra que gritavam antes de toda luta para intimidar os inimigos. O principal instrumento de batalha que eles usaram foi o arco-flecha. Depois de quase um dia lutando, os indígenas conseguiram ganhar. Eles ficaram muito contentes, porque iam poder convocar o seu criador.

À noite, fizeram um ritual para invocar seu devido criador. O ritual consistia em acender uma fogueira e o Pajé cantava uma música que já existia há milhares de anos. O criador apareceu e perguntou sobre o que os Mundurukus precisavam. Eles pediram respeitosamente para que ele consertasse a floresta. Aquele que deu origem entendeu o pedido e, depois de realizá-lo, ele desapareceu.

Os Mundurukus ficaram tão gratos e realizados em ter sua natureza de volta, que resolveram fazer uma grande festa para comemorar. Na comemoração, tinha muitas de suas típicas comidas como: açai, cupuaçu, vários tipos de peixe, pirão, pamonha, muitas coisas com mandioca, bolo de milho e muito mais. Todos desfrutaram da sua deliciosa culinária e ficaram muito felizes.

*Menção honrosa - 7º ano
Laura Lameirão Muanis*

Vencedores grupo III

Permita-se

Não sei qual a razão dos cidadãos brasileiros saírem esbanjando suas duvidosas opiniões pelos lugares. É óbvio que temos o total direito da liberdade de expressão, mas há certas opiniões que devemos guardar para nós mesmos.

Minha religião é ofensiva? Por que minha vestimenta incomoda? Minha realidade me torna um vagabundo? A resposta é um grande e intenso não. Ninguém realmente acha seus gostos ofensivos ou os encara como um ataque; tudo que eles querem é encontrar pessoas com o mesmo tipo de intolerância e tempo livre para preencher.

A pia cheia de louça, a casa precisando de faxina, diversos boletos para pagar e vocês perdendo tempo criticando na internet. Não é porque sua vida é frustrante e entediante, que a do outro também tem que ser.

Vá a festas, dance na chuva, assista ao pôr do sol, viva. No final, todos vamos estar a sete palmos da terra torcendo por uma reencarnação (se é que reencarnação existe), e o que você mais vai pensar é no quão pouco você aproveitou a sua vida.

Temos uma visão muito reduzida do que é aceito pela sociedade como certo e errado, bem e mal. Já estamos no século vinte e um, portanto, amplie seu pensamento. Viva, permita-se e divirta-se.

1º Lugar - 9º ano

Milena Ferreira Soares Penna

Os portais da imaginação

Os livros são os grandes portais para mundos de aventuras e magias. Os melhores meios para exercitar a sua imaginação e ser transportado para terras medievais, futuristas, mágicas, onde o único limite é o seu pensamento. Através deles, é possível ter paz e sossego, ver a trama se desenrolando bem diante dos seus olhos e se sentir como parte da história.

Da mesma forma, há a possibilidade de criar um grande afeto por algum personagem ou um sentimento de ódio por determinado indivíduo da narrativa. E o melhor de tudo é que somente você, ninguém mais precisa saber, pois é um momento só seu.

Eles são recantos livres, abrigos de tranquilidade onde só você tem a permissão para entrar. Podendo ser também uma das maneiras de fugir da realidade tóxica e desgovernada em que nossa sociedade está localizada.

Por esses motivos, os livros são a melhor forma de se refugiar em um mundo mágico, cheio das mais diversas possibilidades, longe de todas as preocupações rotineiras. E esse refúgio é somente seu.

2º Lugar - 8º ano

Benjamin Pinheiro Mulder

O guarda-chuva

Estou saindo do meu trabalho e ouço o som das várias gotas de água caindo sobre a calçada da rua. Olho dentro da minha bolsa e... Ah não! Não! Não! Eu esqueci meu guarda-chuva! Respiro fundo, aceitando meu destino e começo a caminhar em direção a minha tão amada casa.

Eu gosto de dias chuvosos. O cheiro de terra molhada e o barulho da chuva me acalmam. Bem, menos quando estou ficando toda ensopada e com a maquiagem toda derretida, tipo um palhaço. E se eu encontrar algum conhecido na rua? Ou pior, o que as pessoas vão pensar de mim? Com essa angústia crescendo dentro do meu ser, começo a andar mais rápido e sinto olhares vindo em minha direção.

É por isso que sempre ando com meu guarda-chuva. Ele me protege do que os outros vão pensar sobre mim, além de eu não me molhar, obviamente. A chuva começa a ficar muito forte e, sem pensar muito, entro numa padaria. Estou ofegante e acabo sentando perto de uma janela.

Observo várias pessoas com seus guarda-chuvas. Elas fogem apressadas da chuva, olhando para os seus próprios pés, parecendo um bando de formigas entrando em um formigueiro. O cheiro de pão quente é reconfortante e, pela janela, vejo um homem sozinho no meio da chuva. Todos na rua olham para ele incrédulos, mas, segundos depois, voltam a olhar para a calçada molhada. Ele nem percebe, seguindo seu caminho totalmente despreocupado. Como assim, ele não tem vontade de se enfiar no buraco mais próximo? Esse "cara" simplesmente... não liga? Não se importa? Até que uma sombra de entendimento passa pela minha cabeça.

Saio lentamente da padaria enfrentando a chuva, que agora, não está tão forte assim. Talvez essa situação toda fosse uma tempestade na minha cabeça, mas, nas dos outros, não se passava de uma goteira qualquer. As pessoas estão muito preocupadas com seus próprios "guarda-chuvas" e não vão reparar na sua maquiagem borrada e em sua roupa ensopada. Se repararem, vão esquecer. Sempre esquecem.

Menção honrosa - 8º ano

Júlia Feydit Probstner

“1ª edição dos Jogos Internorte”



Aconteceu no dia 28 de outubro, a segunda e última rodada de disputas da primeira edição dos Jogos Internorte. Nossa escola recebeu atletas estudantes de outras instituições da Zona Norte carioca e fez bonito, consagrando-se a grande campeã do evento. Para isso, a ECO garantiu o primeiro lugar geral no 7º ano e o segundo lugar geral na categoria 8º e 9º anos. Nossas meninas conquistaram o título no Handebol Feminino (7º ano) e nossos meninos dominaram todas as categorias de Basquete, além das conquistas no Handebol Masculino e no Futsal do 7º ano. Sobre os destaques individuais, nosso atleta Rodrigo Trapa recebeu a premiação de melhor atleta masculino na categoria. Parabéns a todos e todas que participaram do evento! Ano que vem tem mais! ECO rumo ao bi!

Prof. Luiz Gustavo

O que rola na CIDADE



Para aqueles que gostam de ciências, principalmente biologia, chegou à cidade do Rio de Janeiro a exposição “Corpo Humano”. Usando uma técnica chamada plastinação, são exibidos cerca de 100 espécimes que detalham todos os órgãos do corpo de maneira muito realista. O objetivo da mostra é aprender um pouco mais sobre o ciclo da vida e, principalmente, os cuidados que devemos ter para melhorar a saúde e hábitos mais saudáveis.

A exposição está no “Shopping Via Parque”, na Barra da Tijuca, de terça a domingo, das 10h às 22h, com entrada até as 21h. Há uma promoção para ingressos em família, assim todos poderão se divertir muito.

A VOZ DO PROFESSOR

Uma professora que se tornou mãe



Era um período incerto, de enfrentamento a algo desconhecido no mundo e uma batalha diária pela vida. Em meados de 2020, estávamos isolados e tive que aprender e me adaptar ao trabalho em casa, ao contato virtual e frio com as crianças e adolescentes que antes me tiravam do sério e me levavam às gargalhadas em minutos, quando descobri que eu estava gerando uma vida em meio àquele caos, longe da família, mas ao lado do meu parceiro de anos. Ainda bem!

Tive uma gestação sem grandes apuros, com o apoio distante de quem me queria bem e com a companhia diária e incentivadora das crianças que me diziam que eu seria uma boa mãe, já que eu conseguia cuidar de todos eles, e que minha filha já nasceria muito inteligente, pois estava frequentando a escola e diversas aulas ainda na barriga. Esses alunos não fazem ideia, ou melhor, farão agora, do quanto aquele carinho me encorajava e me deixava feliz!

Minha experiência com bebês era nenhuma e muito estudei para me sentir capaz de encarar essa linda tarefa. Mas, ao mesmo tempo, minha vivência na educação, acompanhando tantas histórias de vida, inevitavelmente me envolvendo com situações familiares, aflições e inseguranças dos tantos envolvidos no processo ensino-aprendizagem gerou em mim, confesso, preocupações e sofrimento por antecipação.

Pepê, como sempre chamamos Penélope, já nos proporcionou todas essas experiências. E foram só as primeiras experiências escolares. Confesso, mais uma vez, que é muito mais fácil lidar com a agressividade dos filhos dos outros que da minha pequena, que mordeu um amiguinho antes dos dois anos porque perdeu um brinquedo. Como explicar para uma pessoinha tão pequena que não devemos fazer isso? Que mal jeito tentar se desculpar com a família do mordido! E a

cobrança pessoal e a preocupação social quanto ao que os outros vão pensar de mim? Pois é. Não há resposta exata para nada disso, agimos na tentativa e erro; erramos tentando acertar e acertamos, sem querer, uma vez ou outra.

Como professora, por vezes me incomodou trabalhar sendo gravada. Mas o que eu fiz ao ter que escolher uma escolinha para Penélope? Escolhi uma instituição que oferece e libera as imagens ao vivo do espaço em que as crianças estudam e socializam. Que maravilha! Não, não é maravilhoso! Para o profissional, essa é uma clara invasão ao seu ambiente de trabalho, à sua liberdade profissional e clara chance de intervenção desmedida e interpretações equivocadas das cenas vistas. Mas como acalmar o coração de uma mãe que deixaria sob os cuidados de terceiros seu bem mais precioso, aos 5 meses, durante uma pandemia, para voltar ao trabalho? É... é assim a vida, cheia de contradições e reviravoltas. Hoje tenho um aplicativo "Big Brother" no celular e um coração mais tranquilo quando a saudade aperta.

Para minhas amigas professoras, já disse e pedi mais de uma vez que, se eu estiver algum dia comentando sobre a escola e as professoras de minha filha de forma exagerada ou criando "tempestade em um copo d'água", que eu seja imediatamente avisada e barrada de destrar pessoas que dão tanto carinho para as crianças e que são passíveis de erro como todos nós. A verdade é que não quero ser a mãe implicante, tampouco a colega de profissão complacente.

Aliás, tenho notado, como mãe, que o maior motivo de deslize desses profissionais está relacionado ao cansaço, à sobrecarga de trabalho e que erram tentando acertar.

Já fui empática com uma mãe aflita que julgava que sua filha não estava recebendo o tratamento que merecia; já tive vontade de reclamar de coisa pequena na hora da saída. Aí a consciência da professora surge, graças a Deus, e me lembra que existem procedimentos a seguir, hierarquia a respeitar dentro da instituição e que é preciso de um pouco de tempo para que um desconforto seja processado, apurado e justificado. Se a gente, como família, vai se convencer e aceitar o ponto de vista da escola, cada caso é um caso, mas o fato é que nunca estaremos 100% contentes com o local em que depositamos a nossa confiança em mediar o desenvolvimento de nossos filhos, mas precisamos dar as mãos e estar mais felizes que aborrecidos, mais parceiros que "em pé de guerra". Caso contrário, é hora de mudar e recomeçar.

Ainda estou me descobrindo como mãe, o que me agrada e me aborrece nesse papel, como lido com as dificuldades e as frustrações, como não me cobrar tanto, como dividir tarefas e responsabilidades, enfim, estou descobrindo como é viver com o maior amor do mundo. E sigo cada vez mais apaixonada por tudo isso.

Prof^a. Eloísa Zoccaratto de Souza

A Papeleta

É formada por:

Colaboradores:

4º ano - Maria Flor C. Cavalcanti
5º ano - Paulo Renato R. Baptista
6º ano - Stefan Feydit Probstner
7º ano - Anna Clara de C. Ivo

7º ano - Laura Lameirão Muanis
8º ano - Benjamin Pinheiro Mulder
8º ano - Júlia Feydit Probstner
9º ano - Milena Ferreira S. Penna

Prof. Luiz Gustavo
Prof. Nei Xavier
Prof^a Eloísa Zoccaratto

Diagramação:

Fábio de Carvalho

Editor Responsável:

Prof. Nei Xavier

Apoio e supervisão de diagramação:

Fábio de Carvalho